

A EPOPEIA DE UMA RETIRADA

General FELÍCIO LIMA

No fastígio das mais puras glórias militares, triunfar não é desprezar as leis que regulam os princípios de humanidade. Cumpre reconhecer que há na guerra certas regras e certas leis que os homens de bem não devem olvidar. É preciso não ser tão ávido de vitória para que se evite a censura de a dever a meios ímpios e vergonhosos. Um chefe de Estado deve contar com o próprio valor e a sua própria virtude, jamais com a maldade e a perfídia. Reagir quando a ousadia dos tresloucados não corresponda a tão elevadas disposições cívicas, em empregando processos de espúria moral...

Por faltarem a Solano Lopez estes deveres para com o gênero humano, é que se viu D. Pedro II obrigado a declarar-lhe guerra.

A 12 de novembro de 1864 era o Brasil invadido por tropas paraguaias, sem prévia declaração de guerra.

Antes, Solano Lopez tivera o descôco de aprisionar o navio brasileiro *Marquês de Olinda*, a cujo bordo se encontrava Frederico Carneiro de Campos, que ia assumir a presidência de Mato Grosso. Além disso, a nossa chancelaria tinha conhecimento dos vexames porque passara Viana de Lima, ex-plenipotenciário do Brasil no Paraguai, ao protestar perante aquêle ditador contra o aprisionamento do nosso vaso de guerra, sem um motivo que se apoiasse no Direito Internacional. Como resposta, Lopez declarou que o seu govêrno considerava ato agressivo à sua pátria as relações do Brasil com Venâncio Flores, dirigente do Uruguai!

Mas, o govêrno imperial estava a par do que se passava em Mato Grosso. E só não tomou medidas imediatas, por perceber que a finalidade do ditador, invadindo aquela provincia, era causar o pânico na Côrte, de onde esperava partirem ordens que desviariam tropas, em luta no Prata, para socorrê-la. Dêsse modo, Lopez se apossaria das regiões banhadas pelo rio da Prata — Argentina e Uruguai — e, tendo em vista a escassez das nossas forças no Rio Grande do Sul, impotentes para detê-lo, faria do Brasil mais uma fácil e excelente presa de guerra.

Entretanto, os nossos dirigentes preferiram deixar aquela provincia do Oeste agir com os seus próprios recursos, até ser decidida a questão do Prata, vital para a defesa principal do Império. Assim, os paraguaios, praticamente livres dêsse lado, mudaram o nome da parte ocupada de Mato Grosso para o de *Alto e Baixo Paraguai* e instituíram ali um govêrno!

todavia, não estiveram os invasores muito tempo sossegados, porque tão depressa venceu o Brasil a luta do Prata, iniciou com presteza, em fevereiro de 1867, a adoção de providências enérgicas.

Governava Mato Grosso o General Alexandre Albino de Carvalho, que, devido ao seu estado de saúde, aguardava substituto. Avisado pelo Almirante Tamandaré, a invasão não lhe causou surpresa e, compreendendo que não poderia contar com qualquer auxilio, reagiu com seus próprios meios conseguindo organizar uma força de 600 homens. Para

defesa fluvial contava apenas com o *Anhambai*, navio armado com dois canhões, e mais cinco pequenas embarcações, tudo sob o comando do Capitão-de-Fragata F. C. de Castro Menezes.

Pouco antes da invasão, Albino enviou, a 13 de outubro de 1864, para a fronteira o Coronel Carlos Augusto de Oliveira, Comandante das Armas, e protegeu o *Forte de Coimbra* com elementos disponíveis. Comandado pelo Capitão Benedito de Farias e guarnecido apenas por 46 praças, teve sua guarnição elevada para 150, graças ao reforço conseguido do Batalhão de Artilharia de Posição do comando do Major Rego Monteiro.

Tendo conhecimento de que uma esquadilha naval inimiga, às ordens do Coronel Vicente Barrios, zarpara de Assunção, a 11 de dezembro, conduzindo 4.200 homens com 12 canhões, ao mesmo tempo que por terra marchava o destacamento do Coronel Resquin, com 5.000, passou o Forte à disposição do Tenente-Coronel Hermenegildo Pôrto Carrero, que havia substituído o Coronel Oliveira no comando supremo da fronteira.

A 26 o inimigo sitiou o Forte. Intimado a render-se, Pôrto Carrero negou-se a atender; teve comêço, então, a luta desigual. Escasseando a munição, a espôsa do Comandante d. Ludovina de Albuquerque, ao escurecer, num gesto patriótico, reuniu as mulheres e com elas fabricou durante a noite inteira êsse imprescindível artefato de guerra, evitando assim uma capitulação prematura.

Ao alvorecer de 27 recomeçou a luta, tentando o inimigo escalar o Forte e sendo repellido. Após 48 horas de combate, com a munição esgotada, sem material para fabricá-la, compreendeu-se que seria inútil resistir e oportuna uma retirada. Todos os defensores embarcaram no *Anhambai*, conseguindo escapar à noite, deixando o inimigo com 200 homens fora de combate, enquanto da nossa parte nenhuma baixa se registrou.

Os paraguaios fizeram do Forte a sua base de operações e daí obtiveram, sucessivamente, a queda das cidades de Corumbá, Miranda, Albuquerque e Dourados, tendo esta se coberto de glórias sob o comando do bravo Alferes Antônio João Ribeiro, que no paroxismo da cruenta luta proferiu a célebre frase: "Sei que morro, mas o meu sangue e o de meus companheiros servirão de protesto solene contra a invasão de minha Pátria...".

O General Albino, firme no seu pôsto apesar de doente, tudo tentou para evitar que a invasão se alastrasse. Mas não lhe foi possível impedir que o Sul de Mato Grosso fôsse ocupado pelo inimigo.

O Governo Federal não ficou impassível. Embora no propósito de não retirar a tropa do Sul, resolveu opor a Lopez, naquela província, a máxima resistência. Para tanto, organizou uma expedição composta de elementos de São Paulo, Minas, Goiás, Paraná e Amazonas, que, antes de entrar em contacto com o invasor, teve que vencer combates mais difíceis — o do sertão agreste onde campeavam as epidemias e o dos índios guaranis, hostis aos brasileiros.

Enquanto a expedição vencía as 500 léguas que a separavam do inimigo, a luta no Sul se intensificava.

Foi essa memorável expedição que deu lugar à trágica epopéia da *Retirada da Laguna*, em que a fibra moral dos brasileiros muito impressionou o mundo civilizado.

Sob o comando do Coronel Manuel Pedro Drago partiu de São Paulo, a 10 de abril de 1865, a coluna que levava a missão de expulsar os paraguaios de Mato Grosso. Estacionando em Uberaba, são ali in-

corporadas várias unidades mineiras comandadas pelo Coronel José Antonio da Fonseca Galvão e ao partir, em julho, para Cuiabá o seu efetivo era de cerca de 3.000 homens, constituindo: 17º Btl de Voluntários de Minas; 21º Btl I de Linha (formado com elementos de São Paulo, Paraná e Minas); Corpo de Artilharia do Amazonas; Esquadrão de Cavalaria de Goiás; 20º Btl de Linha de Goiás; Corpo de Polícia de São Paulo e Corpo de Polícia de Minas Gerais.

Ao alcançar as margens do rio Parnaíba, recebeu um emissário do Governo, ordenando que a coluna rumasse para o Distrito de Miranda, ocupada pelo inimigo. Daí haver tomado o rumo do rio Coxim, contornando após a serra de Maracaju, região na qual, em consequência das enchentes do rio Paraguai, proliferava a malária.

A 20 de dezembro era alcançada a povoação de Coxim que, devido ao transbordamento do rio, reteve a tropa por algum tempo; aí, por falta de recursos, a febre maligna a assaltou, atacando, além do Coronel Drago, grande parte do pessoal. Para fugir a uma situação calamitosa, resolveram os seus componentes abandonar Coxim, atravessando os pantanais.

Ao chegar às margens do rio Negro, faleceu Drago, que foi substituído pelo Coronel Fonseca Galvão. Atingida, Miranda é encontrada em abandono e saqueada. Ali, o beribéri dizimou a coluna de tal forma que a reduziu a um terço do seu já deficiente efetivo.

Devido a essa digressão foram despendidos dois anos e vencidos 2.112 quilômetros, tendo a coluna permanecido em Miranda por algum tempo, a despeito das péssimas condições higiênicas motivadas pelas inundações frequentes.

Mas, o Coronel Carlos Morais Camisão, assumindo a direção da coluna em 1 de janeiro de 1867 e levando em consideração o parecer da comissão de engenheiros e da junta médica, resolveu a 11 abandonar Miranda rumando para Nioac, onde chegou a 24. Esta cidade, embora devastada pelo inimigo, foi escolhida para base de operações, em vista de se achar situada em zona salubre e de se tratar de posição estratégica.

Dispondo de exíguos recursos, a coluna deveria daí por diante manter-se na defensiva, guardando Mato Grosso, até o momento oportuno para retomar a missão primitiva. Porém Camisão, cuja honra estava abalada desde os dias fatídicos da invasão, que o obrigou, à testa do 2º Batalhão de Artilharia de Posição, a retirar-se de Corumbá, resolveu invadir o Paraguai, desejoso de reabilitar-se de um fracasso inevitável.

Assim é que a 25 de fevereiro ordenou o movimento geral alcançando a Colônia de Miranda a 4 de março, onde passou pela decepção de vê-la completamente destruída. Essa ofensiva, nas condições em que foi executada, constitui uma verdadeira temeridade, pois a falta de provisões, que já se sentira em Nioac, estava se tornando um problema insolúvel.

Todavia, houve um momento em que Camisão hesitou. Donde a decisão de, a 23 de março, oficial ao Tenente-Coronel Juvêncio Manuel Cabral de Menezes, chefe da comissão de engenheiros, ordenando-lhe que convocasse a reunião de seus membros com o fim de deliberar sobre a possibilidade do prosseguimento da ofensiva. Nela ficou resolvido que não poderiam as forças avançar sem o gado de corte necessário e os respectivos víveres, sem contar com a escassez da munição.

Nesse justo momento José Francisco Lopes, guia da coluna, entrou no acampamento prazenteiramente, com regular rebanho conseguindo na *Estância Jardim*, de sua propriedade, dando ensejo a que os sol-

dados bradassem alegremente: "Ao inimigo! Ao Apa!" Empolgado por tanto entusiasmo, Camisão ordenou a continuação da ofensiva. Mas Juvêncio, ao remeter o novo parecer da comissão, proferiu estas palavras: "Deixo viúva e seis filhos. Terão como única herança um nome honrado".

E a avançada foi reencetada. Para o dia 11 de abril o destino reservava uma surpresa: entre dez brasileiros que lograram escapar do inimigo, achavam-se o genro e um filho do guia Lopes. Pode-se imaginar a emoção do bravo sertanejo ao abraçar êsses entes queridos!... A 17, a vanguarda comandada pelo Capitão Delfim Rodrigues de Almeida descortinava a fronteira do Apa. A 18, foi descoberto um piquete de cavalaria inimigo que, perseguido, se retirou sem aceitar combate. Transposto o rio Taquaraçu, foi encontrada outra força acampada e apenas algumas granadas foram suficientes para dispersá-la. Ao escurecer de 19, acampava na confluência do córrego Sombrero com o rio Apa. Ao alvorecer de 20, prosseguiu a marcha, tendo a vanguarda avistado, à margem direita do Apa, o forte *Machorra* e mais distante, na outra margem, o forte *Bela Vista*.

A entrada da estância de *Machorra*, a coluna travou o primeiro combate. Os paraguaios enfrentaram com ardor os brasileiros, enquanto um grupo inimigo incendiava a mata. Obrigando o adversário a recuar, *Machorra* foi ocupada pela nossa vanguarda, que aí aguardou a chegada do grosso da tropa, que foi recebido entusiasticamente. Em consequência, foi vadeado o *Apa* e os nossos bravos patrícios pisaram, a 21, território paraguaio, defronte ao forte *Bela Vista*, que foi ocupado, após ter o inimigo incendiado a povoação, de onde levou todos os recursos.

A essa altura, tornou-se angustiosa a situação dos nossos, pela falta de gado e pelo abastecimento quase extinto. O Coronel Camisão, procurando evitar maiores sacrifícios, tentou um acôrdo com o inimigo, fazendo circular a seguinte proclamação:

"Aos paraguaios.

Fala-vos a expedição brasileira, como amigos. Não é seu intuito levar a devastação, a miséria e as lágrimas ao vosso território. A invasão do Norte com a do Sul da vossa República significa apenas uma reação contra a injusta agressão nacional. Será conveniente que venha um dos vossos oficiais entender-se conosco. Poderá retirar-se, desde que assim entenda, e bastará que manifeste simplesmente tal desejo. Jura o comandante da expedição pela honra, pela santa religião professada por ambos os povos, que tôdas as garantias se oferecem ao homem generoso que em nós confiar. Disparamos tiros de peça como inimigos, queremos agora nos entender como amigos reconciliáveis. Apresentai-vos empunhando a bandeira branca e sereis recebidos com tôdas as atenções que povos civilizados, embora em guerra, mutuamente se devem."

No dia seguinte foi encontrada, presa numa vara, a resposta insultuosa aos nossos bravos:

"Ao comandante da expedição brasileira.

Estarão os oficiais das forças paraguaias sempre atentos a tôdas as comunicações que lhes quiserem fazer; mas no atual estado de guerra aberta entre o Império e a República, só de espada desembainhada poderemos tratar convosco. Não nos atingem os vossos disparos de peça e quando tivermos ordens de os obrigar a calar, há no Paraguai campo de sobra para as manobras dos exércitos republicanos.

Avança crânio pelado!

Mal-aventurado General que espontâneamente

Vem procurar o túmulo.

Crêem os brasileiros estar em Concepción para as festas; os nossos ali os esperam com baionetas e chumbo."

Dada a insolência da resposta, sômente restava lutar para vencer.

Entre os dias 23 e 27, foram executadas diversas batidas, mas sem resultado. Os paraguaios haviam arrasado tudo.

Em tal, circunstância, foi enviado um mensageiro a Nioac para obter a remessa urgente de recursos inadiáveis. A situação era crítica, a fome campeava inexoravelmente.

Sabendo da existência da estância da Laguna, propriedade do cruel ditador, onde pressupunha abundância de gado, Camisão, sempre empolgado pela idéia de continuar a ofensiva, consultou os seus comandados, que opinaram pela marcha sôbre *Concepción*, via *Laguna*, aceitando assim o desafio. Dessa forma, os brasileiros atingiram a 30 as margens do *Apa-mi*, a pouca distância de Bela Vista. Chegando à estância a 7 de maio, ali encontraram apenas um deserto: o inimigo, prevendo a nossa intenção, a abandonara após destruí-la, deixando o seguinte recado:

"Malfadado o General que aqui vem procurar o túmulo. O leão do Paraguai, altivo e sanguissedento rugirá contra qualquer invasor."

Muito embora a gravidade da situação, contudo ninguém pensava em retirada! Ao contrário, ao alvorecer de 8 um destacamento composto do 1º Batalhão do Major José Tomás Gonçalves, do Corpo de Caçadores do Capitão José Fufino e auxiliado por alguns índios Terenas e Guaicurús atacava um acampamento inimigo, infligindo-lhe derrota formal.

Porém, de que valia tanto heroísmo quando não existia mais recursos para alimentar a tropa? Como prosseguir numa ofensiva sem o aprovisionamento solicitado a Nioac? Persistir na mesma seria, pois, uma verdadeira loucura!

Tal situação de desespero forçou o Coronel Camisão a ordenar a retirada, esperançoso, todavia, de retornar quando obtivesse o necessário reabastecimento. E nesse mesmo dia, sob o mais profundo desalento, iniciou a retirada famosa, sem prever que iria executar um dos mais comovescentes feitos de guerra que a História registraria!

Apesar de as chuvas copiosas dificultarem a passagem das carretas pelos córregos transbordantes, a tropa retrocedia em boa ordem. Mas, ao costear um bosque, foi inopinadamente atacada, e sômente à custa de inauditos esforços conseguiu destroçar o inimigo. Ali registrou um episódio glorioso o soldado Laurindo José Ferreira que, cercado pelos atacantes, com o corpo todo golpeado, demonstrando fibra de herói, não se rendeu; e depois, quando atendido pelo serviço de socorro, ainda que com um dos ombros quase arrancado, não soltou sequer um gemido!

Mesmo com o material sanitário escasseando, os Drs. Manuel de Araújo Gasteiro e Cândido Manuel de Oliveira Quintana, não poupavam sacrifícios para curar os feridos.

A pouca distância do cêrro *Margarida*, a coluna ao atravessar um pântano, sofreu ataque de artilharia e cavalaria numerosa. Em tais circunstâncias, a marcha tornava-se cada vez mais penosa; os animais cargueiros, exaustos, já não andavam e os feridos, vários agonizantes, passaram a ser carregados em rédes.

O Comandante pretendeu acampar na mata marginal do *Apa-mi*. Mas o inimigo, percebendo-lhe o intuito, destruiu a ponte e aguardou-o

com artilharia, apoiada por grande massa de cavalaria. Os nossos artilheiros, arrastando com dificuldade os canhões, entraram em ação, conseguindo destroçar os contrários. Restaurada, a ponte foi atravessada pelos bravos que acamparam na região próxima, onde, jogando-se ao chão, tentaram ao sono aliviar tantos sofrimentos.

Ao romper do dia 9 a coluna levantava acampamento. O inimigo continuou a hostilizá-la, não dando descanso aos atiradores que, não perdendo um tiro, iam deixando o caminho crivado de cadáveres paraguaios, abandonados à mercê dos corvos famintos. Finalmente, atingida uma elevação a cavaleiro de Bela Vista, foi ordenado acampar.

A 10 chegou ao acampamento o Tenente Vitor Batista, proveniente de Miranda, informando que a cerca de dez quilômetros dali, na fazenda *Machorro*, achavam-se à disposição da expedição algumas carretas com aprovisionamento. Camisão o encarregou de fazer a ligação. O oficial partiu com uma escolta composta de quatro homens e da qual fazia parte o filho de Lopes que, conhecedor da região, enveredou por um atalho. Mas, uma força inimiga assaltou de emboscada, matando os componentes da escolta, escapando apenas o primogênito do guia.

Entretanto, após a construção de uma ponte sobre o *Apa*, começou a 11 a penosa retirada. Divididos agora em dois grupos, os paraguaios continuaram hostilizando a coluna. Do fundo de uma escarpa que contornava a estrada, surgiu um corpo de infantaria que se lançou sobre os atiradores do Tenente Palestrina. Dispersando-os, atirou-se sobre o Batalhão mineiro. Porém, os atiradores, refazendo-se, atacaram o inimigo pela retaguarda. Nesse momento a cavalaria paraguai surgiu por todos os lados, travando-se combate corpo a corpo. Não obstante a confusão, o Batalhão reagiu com vigor, provocando o recuo dos atacantes que deixaram o solo juncado de mortos e feridos.

Prevedo, no entanto, o Coronel Camisão que o inimigo organizasse para empreender ataques de maiores proporções, ordenou a formação de quadrado em cujos vértices colocou a artilharia comandada pelo Major João Tomaz de Cantuária. Infelizmente, as poucas reses que restavam, tomadas de pânico pelo contínuo estampido dos canhões, precipitaram-se sobre os lados do quadrado, produzindo incrível desordem, no momento em que a cavalaria inimiga investiu a golpes de espada. Mas a nossa infantaria fez malograr tal manobra, mantendo os agressores, graças ao cruzamento de fogos, a certa distância.

A resistência dos brasileiros nesse sangrento embate foi tal que os paraguaios daí por diante foram mais prudentes. Todavia, na fuga, arrebanharam todas as reses que haviam escapado do quadrado. De nossa parte, tivemos a lamentar a perda do bravo Tenente Palestrina que, atravessado por um lançamento, entregou a alma ao Criador.

Aumentando as nossas baixas, no piedoso mister de ajudar o serviço de enfermagem ofereceu-se a esposa de um soldado, alcunhada de "Prêta Ana". Como outras companheiras, cujo número atingiu a cem, Ana fizera questão de acompanhar a coluna. Muitas delas carregavam os filhinhos no colo, atrás das carretas, protegendo-os com o próprio corpo.

No encontro supracitado, não teve Ana um momento de descanso. Indiferente às balas, procurava os feridos no campo da luta e, arrastando-os a lugar abrigado, ministrava-lhes os primeiros curativos, animando-os com carinho. Assim procedendo conseguia conter alguns companheiros que, tomados de pavor, perdiam a energia moral. A crueldade paraguai era tanta que a uma delas, que atendia ao próprio filhinho, um inimigo arrebatou-o, esfacelando-o sem piedade; outra,

enfrentando o agressor, com o instinto materno, matou-o com um sabre que no momento cruciante apanhou no solo!...

Continuando a emocionante tragédia, o Coronel Camisão promoveu novo conselho assistido pelo velho Lopes, tendo ficado decidido que a coluna tomaria outro rumo para escapar ao inimigo. O célebre vagueano opinou pelo da *Estância de Jardim*, de sua propriedade, onde esperava encontrar recursos.

Mas o inimigo, desnorteado pela digressão da coluna, recorreu a uma nova crueldade: orientado pelo rumo dos ventos, incendiou a mata, para que o fogo se propagasse na direção dos brasileiros, o que motivou, no acampamento do dia 12, a morte de alguns dos nossos soldados, por asfixia e a de outros, carbonizados. E ao escurecer o inimigo emboscado atacou mais uma vez, sendo novamente derrotado pelo flanco-guarda, com grandes perdas.

A retirada prosseguiu, e durante o dia 13 a temperatura tornou-se elevadíssima devido aos incêndios sucessivos, baixando consideravelmente à noite após chuvas torrenciais e aumentando assim a desdita dos heróis, que nada possuíam para proteger-se do frio horrível. Nos três dias seguintes a marcha continuou, ainda sob a hostilidade dos incêndios e pequenos ataques.

Porém, por infelicidade, o guia se desorientou, vagueando ao acaso, de 17 a 19, até que, avistando um morro, garantiu que dentro de dois dias chegaria a coluna à sua estância.

Entretanto, mais uma calamidade rondava aquêle pugilo de bravos: adoeceram alguns soldados de um mal súbito que os médicos constataram ser o *cólera-morbus*, flagelo que veio aumentar o pânico da desditosa expedição.

O dia 20 foi ainda mais amargo. Os incêndios não cessavam; alguns dos nossos eram devorados pela cruel epidemia; outros, além de cegos, tragados pelo fogo e os restantes, famintos, apossavam-se de frutos verdes ou podres, brotos, raízes, enfim, de tudo ao alcance das mãos. Contudo, a coluna continuou, a 21, arrastando-se — “carregando o corpo com o estômago colado às costas e do carroção de feridos pendem braços, pernas dos que acabam de morrer!” Todavia, graças ao novo rumo dos ventos os brasileiros escaparam de ser aniquilados pelo fogo dos incêndios.

Houve uma parada forçada, quando os bois exaustos afrouxaram de vez o puxar da artilharia. Contudo, a 23 continuou o trágico desfile sob os incêndios que recrudesciam e as escaramuças que se sucediam. O cruel inimigo como que se divertia com a desdita dos heróis, e, em sinal de zombaria, convidava-os em vão para se renderem.

A 24, o guia chegando aos limites de sua estância para lá se dirigiu, enquanto a sua escolta lentamente o seguia. Nesse dia, aumentando assustadoramente o número de coléricos, o comandante, reunindo os seus oficiais, fêz considerações acérra do perigo que corria Nioac se os paraguaios conseguissem atingi-la em primeiro lugar. Referiu-se ao transtôrno que tais enfermos, já condenados à morte, traziam à jornada, tornando-a morosíssima. E, em obediência a ditames que lhe impunha o dever de chefe, resolvera, sob sua única responsabilidade, abandonar os coléricos, com exceção apenas dos convalescentes; pelo que convidava os médicos a imitarem seu parecer. O bravo Dr. Gesteira respondeu que “... nada lhe podia retrucar contra tal resolução. Se como médico, devido ao juramento profissional, não deveria concordar com o abandono dos enfermos, como soldado, que também o era, estava de inteiro acôrdo com a medida do comandante”.

E a inevitável decisão foi fielmente executada. As próprias vítimas a receberam com a maior resignação, solicitando apenas um pouco de água ao seu alcance, no lugar para onde fôsem conduzidas. Ao partirem os remanescentes, foi colocada naquele pouso pleno de dor e saudade indelévels a inscrição:

“Compaixão para os coléricos!”

Nessa trágica noite defrontaram-se os nossos com outra série de infortúnios: o Tenente-Coronel Juvêncio, substituto do comando, foi atacado pelo cólera; um soldado de plantão suicidou-se para livrar-se do mal; o guia Lopes participou o falecimento de seu dileto filho, único consolo de sua vida, uma vez que havia perdido o resto da família. Pediu permissão ao comandante para sepultá-lo em sua própria terra e foi atendido. Finalmente, para coroar, os paraguaios, num requinte de desumanidade, atacaram os coléricos, a despeito do pedido de clemência para os mesmos!

A expedição, atingindo os terrenos da *Estância Jardim*, atravessou um córrego em cuja margem direita foi sepultado, com as devidas honras, o filho do famoso guia. Nesse momento o desditoso pai, assaltado por estranha excitação, apontou para o lugar onde o seu gado outrora pastava; enalteceu a fertilidade de seu pomar, falando do efeito benéfico que as laranjas exerciam sobre o cólera e, finalmente, na vida feliz que passara ali, ao lado da esposa amantíssima e dos filhos queridos: estava também contaminado...

Levada essa ocorrência ao Coronel Camisão, o bravo comandante foi encontrado em sua barraca prostrado, com sinais evidentes do cólera-morbus. Os oficiais, surpresos, narraram-lhe o acontecido. Mas o Coronel apenas respondeu: “Vou morrer também. Era fatal. Salvei a expedição...” E, dirigindo-se ao seu denodado auxiliar, Alfredo d'Escagnolle Taunay, acrescentou: “... o senhor que sabe, há de o dizer...”.

Lopes, não obstante o seu precário estado de saúde, agora montado, continuou dirigindo a caminhada. Ao alvorecer de 27, o inimigo tentou em vão agredir, quando atravessavam o ribeiro *Jardim*. O 17º Batalhão destroçou-o, mantendo-o afastado. Atingido o rio *Miranda* e com a visão de sua residência, o famoso guia entregou a alma a Deus. Ali mesmo foi sepultado; e como recordação perene de seus companheiros de desdita, foi erigida uma singela cruz, simbolizadora dos relevantes serviços que prestou à expedição aquêl admirável mineiro.

À tocante solenidade deixaram de comparecer Camisão e Juvêncio porque, transportados em reparo de canhões, em estado desesperador, os médicos procuraram evitar-lhes mais essa tortura.

Depois, aquêles que sabiam nadar, enfrentando perigosa enchente, conseguiram vadear o rio e atiraram-se aos laranjais; acenando aos companheiros, mostravam as deliciosas laranjas, que foram, por assim dizer, um bálsamo precioso no combate à terrível epidemia. Os doentes foram, então, levados para local apropriado, onde lhes foram servidos os benfazejos frutos.

Infelizmente, não gozaram dessa ventura os coronéis Camisão e Juvêncio, por haverem aquêl expirado a 29 pela manhã e éste ao cair da noite dessa data funesta. Os corpos dos dois heróis foram sepultados à margem esquerda do *Miranda*, após tocante homenagem. Hoje, com os companheiros, repousam no Panteão da Praia Vermelha, no Rio de Janeiro.

Em consequência, assumiu o comando da expedição o Major José Tomás Gonçalves. Conseguiu, com esforço inaudito, transportar os seus comandados para a margem direita do citado rio. Assim, passado o

sinistro mês de maio, a 1 de junho todos se encontravam na famosa estância, onde se revigoraram com os reabastecimentos que tanta falta fizeram à ofensiva brasileira.

Concedido o tempo necessário para carrear, o novo comandante ordenou o prosseguimento da marcha. Agora, em melhores condições o inimigo é repellido em seus ataques. Chegando a 4 de julho a Nioac, encontraram tudo devastado, inclusive a igreja que após artilharia diabólica, fôra dinamitada!

Dadas as condições dessa martirizada cidade foi levantado acampamento a 5 e seguida a estrada de Aquidauana. Vencidas chuvas copiosas, transpostos córregos transbordantes, foi ficando para trás aquêlê inferno dantesco.

Sem obstáculos da parte do inimigo impiedoso, foi atravessado o rio Taquaraçu a 9 e 11 alcançado o porto de Canuto sobre a margem esquerda do Aquidauana, baixando o comandante, a 12, a seguinte proclamação:

“Soldados!

A retirada que acabais de efetuar, fêz-se em boa ordem, ainda que no meio das circunstâncias as mais difíceis.

Sem cavalaria contra o inimigo audaz que a possuía formidável, em campos onde o incêndio da macega, continuamente aceso, ameaçava devorar-vos e vos disputava o ar respirável, extenuados pela fome, dizimados pelo cólera que vos roubou em dois dias o vosso comandante, o seu substituto e ambos os vossos guias, todos estes males, todos estes desastres vós os suportastes numa inversão de estações sem exemplo, debaixo de chuvas torrenciais, no meio de tormentas e através de imensas inundações em tal desorganização da natureza que parecia contra vós conspirar.”

Soldados! Honra à vossa constância, que conservou ao Império os nossos canhões e as nossas bandeiras!”

Após o necessário repouso em Canuto, onde foram substituídos os farrapos que vestiam os seus bravos soldados por fardamentos novos, a coluna rumou para Cuiabá, aí chegando no mês de outubro do fatídico ano de 1867.

Mas o imortal Caxias, sempre preocupado com a sorte de tão destemida expedição, após a sua entrada triunfal em Assunção, Capital do Paraguai, enviou um destacamento a Mato Grosso, a maior vítima dessa triste guerra de um lustro.

E anos depois a pena adamantina de Taunay descrevia, no seu notável livro — “A Retirada da Laguna”, aquela epopéia gloriosa — traduzida hoje em diversas línguas, com perfeito conhecimento, pois o elegante historiôgrafo fêz parte da comissão de engenheiros que tão importantes serviços prestou à desditosa expedição.

Os episódios desenrolados nesse poema militar, ao serem comentados pelo célebre escritor Ernesto Aimé, foram julgados mais brilhantes, de maior heroísmo do que os descritos por Xenofontes em sua obra famosa — “A Retirada dos Dez Mil”.

Um revés nem sempre é um crime, quando tudo se fêz para alcançar a vitória. Não é pelos acontecimentos que julgamos os combatentes, mas por seus esforços e bravura.

O que devemos desejar é que se não perca a esperança na salvação da Pátria, porque o mais tênue sinal de agressão aos foros conquistados, é o de vigilante alerta para os patriotas. O mínimo atentado ponha tôda a Nação em armas, nada cedendo, nem transigindo, nem descançando...

Eis porque o grande Homero sentenciou: “O melhor dos augúrios é combater pela Pátria”.

AOS COLABORADORES !

Como **COOPERAÇÃO** muito preciosa no sentido de facilitar as tarefas de impressão da Revista e, conseqüentemente, evitar o atraso de suas edições, solicitamos, encarecidamente, aos nossos colaboradores que :

1. Dactilografem, na íntegra, seus trabalhos, utilizando **UMA SÓ FACE DAS FÓLHAS DE PAPEL** e deixando espaço duplo entre as linhas.

2. Destaquem, com letras maiúsculas, o título do artigo. O nome do autor (ou seu pseudônimo) deve vir entre o título e o texto.

3. Coloquem, preferentemente, em fôlhas separadas do texto, as figuras, as fotografias, os desenhos, etc., com as respectivas legendas. (No texto, no local desejado, basta uma simples referência ao número da figura, fotografia ou desenho, correspondente).

4. Sempre que possível, desenhem as figuras a nanquim e em papel vegetal.

5. Tratando-se de tradução, quando a fonte original autorizar a reprodução, citem essa fonte sem esquecer o nome do autor do trabalho; no caso contrário, obtenham autorização prévia.

6. **REVEJAM SEMPRE OS ORIGINAIS** observando, rigorosamente, a ortografia oficial (a do "PEQUENO VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO DA LÍNGUA PORTUGUESA", da Academia Brasileira de Letras, dezembro de 1943, Imprensa Nacional).

7. Assinem a última fôlha e **INDIQUEM O ENDERÊÇO ATUAL** para que se possa acusar o recebimento e realizar entendimentos quando necessários.